

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Soares, Maria João dos Reis Moreira, 1964-

Do já construído

<http://hdl.handle.net/11067/4821>

Metadata

Issue Date	1998
Type	bookPart

This page was automatically generated in 2020-11-26T16:13:37Z with information provided by the Repository

DO JÁ CONSTRUÍDO

MARIA JOÃO SOARES

*Uma imagem.*¹

A torrente, por vezes desgovernada, de imagens bidimensionais daquilo que se estende no espaço e no tempo e se constitui em arquitectura. Esta torrente acaba por se afirmar como o *maior* e mais *corrente* veículo para a divulgação da já referida arquitectura.

Mas, perante este apelo constante da imagem a pergunta faz-se: como então perceber?

Esta não será já uma forma amputada?

Uma fotografia.

Uma fotografia tem o direito a ser valorada como qualquer outro objecto fruto de um ofício. Saber fotografar é saber ver, bem se sabe. Uma fotografia fruto de um *olho* assim vale por si própria. Uma fotografia assim nunca é inocente. Não é um mal, é um bem, quando se assiste a tal parceria. Pensemos, por exemplo, nas "Fotografias de la Arquitectura de Luís Barragán por Armando Salas Portugal"². Um juízo de valor das obras de L. Barragán feito por A. Salas Portugal. Será assim? Pelo menos não é inocente. Nem estou sequer, a referir-me ao devolvimento, de um objecto de arquitectura de qualidade duvidosa, por via

¹ "Do Já Construído", deriva de um texto escrito em 1995, "VER", de Maria João Soares

² BARRAGÁN, *Fotografias de la arquitectura de Luís Barragán por Armando Salas Portugal*, ed. GG, Barcelona, 1992

de uma fotografia que afirma a sua qualidade intrínseca. Não é inocente, porque é consciente.

Não é nenhum mal enquanto entendermos o que é *imagem*, o que é *carne* e o que é o enorme espaço de tamanho imponderável que respira docemente mesmo ali no meio.

Este conteúdo suplica pela presença do Corpo. Respiração *boca-a-boca*.

Por vezes este facto apresenta-se como justo. É justo. A informação dispõe-se. É um acto que tende, de uma certa forma, para uma "democracia". Está à disposição de...

Não sei se é mal nem sei se é bem. Mas aflige-me esta urgência da imagem. Planifica-a cada vez mais. Por um lado informação, por outro lado a falta de estímulo por via da experiência.

Uma reportagem no telejornal, durante a hora do jantar, sobre uma catástrofe ou sobre uma guerra.

Uma fotografia de um fotógrafo da Agência Magnum. Um rapaz ferido (de morte?) nos braços de outros que correm.

A corrida. O sangue ainda quente. A camisa puxada em esforço. O ventre nu. As calças. Os cabelos para trás. A corrida. Os outros levam-no nos braços e correm.

Nos dois parágrafos anteriores uma diferença. Uma diferença que parte de um princípio, percorre um caminho e desfalece ou atinge-nos como um projectil.

Esta é uma diferença do tamanho das questões ligadas às ordens associativas da percepção. Às ordens associativas do sentir.

Um desenho.

A urgência da imagem atropela, por vezes, também, o desenho. Dando origem a vícios e à imensa tentação do desenho

pseudo-estrutural daquilo que, independentemente de um juízo de valor, já se estruturou.

É o que separa o desenho da ideia projectual do desenho do já construído - ou seja do desenho já desenhado.

É o afastamento da *impressão* e conseqüentemente do sentido da comunicação. O que fica é a ausência de espaço entre narração e experiência estética. A privação de **EINFUHLUNG**¹.

É a destruição do desejo do diferente fio do pensamento: divergente, paralelo, convergente, tangente, divergente. Provavelmente. Premente.

"O sentimento estético de simpatia é não apenas um modo de fruição estética mas a própria fruição estética."²

O Já Desenhado sofre de ausência. Sofre da ausência do acto criativo.

A expressividade de um registo estará fatalmente ligado ao prazer e à utilidade que produzir (o prazer estético e o útil para além de um utilitarismo). Uma atribuição de vida que se faz no acto estético - a introdução no *objecto* de qualquer coisa que, numa primeira instância, não lhe pertence. Impressionar o Olho da Mente.

O Já Desenhado promove a des-sensualização, a des-erotização. Não há corpo. Quanto muito poderá haver um olhar com uma proposta válida, mas particular da sensualidade do espaço. Na eventualidade uma outra valoração. Mas distante da comunicação viva do registo de procura sugerido pelo pensamento.

Uma fotografia plana e um desenho já desenhado vivem longe do lugar profundo onde supostamente as coisas gritam no seu

¹ Einfühlung - "ein" (em) + "fühlen" (sentir)

² RENATO DE FUSCO, *A Ideia de Arquitectura*, ed. 70, pag. 49

anseio de comunicação. Daí, que perante o facto de *mostrar* arquitectura - na impossibilidade da presença completa do corpo que experimenta, na tal justiça de estar à disposição de..., devemos criar, pelo menos, o silêncio suficiente para ouvir cuidadosamente o pulsar da vida que corre entre o que é imagem e o que é a carne Do Já Construído para acedermos um pouco ao som da arquitectura. Ou não?

“Somente aquilo que constitutivamente é fechado pode ser a sede de uma intimidade; aquilo que com suprema nobreza pode abrir-se sem deixar de ser cavidade, interioridade que oferece o que era a sua força e o seu tesouro, sem se converter em superfície. Que, ao oferecer-se, não é para sair de si mesmo, mas para fazer adensar-se nele o que vagueia fora. Interioridade aberta; passividade activa. Tal parece ser a vida primeira do coração, víscera onde todas as restantes cifram a sua nobreza, como se nela tivessem delegado para executar essa acção suprema, delicada e infinitamente arriscada. Porque neste abrir-se da entranha coração, arrisca-se a vida das restantes que não podem fazê-lo, mas que estão comprometidas por participação. Pouco valor teria esta abertura do coração se ocorresse sem participação das demais entranhas somente passivas, obscuras e sem espaço para oferecer - pura vibração sensível, puro trabalho também -. Se tal participação não sucedesse, o coração poderia ter uma vida independente e solitária, como chega a ter o pensamento. (...)”¹

BIBLIOGRAFIA:

- BARRAGÁN, *Fotografias de la Arquitectura de Luís Barragán por Armando Salas Portugal*, ed. GG, Barcelona, 1992
L'Architecture D'Aujourd'Hui, Avril, 1990
MARÍA ZAMBRANO, *Metáfora do Coração e outros escritos*, ed. Assírio e Alvim, col. Peninsulares, 33, Lisboa, 1993
MARIO PERNIOLA, *Do Sentir*, editorial Presença, Lisboa, 1993
RENATO DE FUSCO, *A Ideia de Arquitectura*, ed. 70, Lisboa

¹ MARÍA ZAMBRANO, *A Metáfora do Coração e outros escritos*, ed. Assírio e Alvim, col. Peninsulares, 33, 1993, pag. 23